

# Gaiato



4560 PENAFIEL  
TAXA PAGA

Quinzenário • 25 de Junho de 1994 • Ano LI - N.º 1312 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## A realidade que me cerca

**E**SCREVO de Angola. Há dias visitei um dos centros de deslocados, dos mais cheios, situado na Damba Maria. É uma situação de carências e dificuldades que ameaça a vida de milhares de seres humanos. Há falta de tudo.

Há homens que vão perdendo a consciência da sua dignidade e o direito de cidadania. São tantos os que se sentem marginalizados e estranhos na Pátria que os viu nascer!

Falta de dinheiro?... Talvez não seja esse o facto, devo mesmo dizer que é por causa do dinheiro que Angola passa pelo que hoje conhecemos. Acredito que o dinheiro é uma coisa importante, tão importante e decisiva que serve para tudo: para promover o homem e torná-lo mais digno, como serve para o escravizar. É a lógica do mundo identificado em blocos. Os mais fortes dominam os pequenos, exactamente por causa e com o dinheiro.

Conversei com algumas famílias; observei e notei que, no falar reticente daquela gente, havia uma linguagem sequestrada, uma linguagem muda, mas que protesta. Este Povo conhece o verdadeiro culpado de tudo isto.

Há corações bons, com sentimentos humanos excelentes, como um raio de luz que vem dissipar as trevas e espantar a noite.

Escrevo a partir da nossa Casa do Gaiato de Benguela. O dia-a-dia, a vida alegre dos pequenos, dá um testemunho feliz da solidariedade humana. Os de longe e os de perto, directa ou indirectamente, estão a fazer a felicidade destes pequenos, aos quais esta sociedade negou um lar ou destruiu a família.

Por outro lado, a experiência patenteia um outro dado bem mais eloquente: a generosidade daqueles e daquelas que se dão, inteiramente, com a sua vocação ao rapaz e à menina da rua, trabalhando a tempo inteiro na Casa do Gaiato. É de destacar a presença das senhoras que, em consagração total, dão a sua vida, vivendo aí, dando o carinho de mãe e a ternura de manas, como os pequenos lhes chamam. Estes homens e mulheres dão não só do que é seu, mas dão-se de corpo e alma. São um exemplo edificante que só Deus sabe recompensar e os garotos também.

Outro dado consolador é o florescimento de vocações sacerdotais e religiosas na minha Diocese de Benguela. A Casa do Gaiato começa a despertar interesse na vida dos seminaristas. Começa a ser fonte de inquietação e de compromisso para alguns já muito avançados, para outros com cursos a terminar. Tudo isto, com a solicitude e abertura de D. Óscar, Bispo da Diocese, para com a Casa do Gaiato, leva-me a dizer e a acreditar que os meios humanos hão-de vir, que o amor, apesar de tudo, há-de vencer as pequenas e grandes contrariedades de hoje e de amanhã. Haverá corações sensíveis e ouvidos atentos ao clamor dos Pobres. Os pequenos terão quem cuide da sua saúde, quem vele pela sua educação e quem se preocupe pelo seu bem-estar. O mesmo é dizer que ainda há quem deseje e trabalhe por um futuro sadio para este País.

Manuel Kalemba

N. R. — Já na edição passada anunciei esta presença do Manuel Kalemba que hoje se consoma.

Para os novos leitores e para algum dos antigos a quem a notícia possa ter passado despercebida, aqui o re-apresento e o confio ao interesse e à oração de todos.

Que Deus queira e o Manuel mergulhe o seu no querer de Deus; e o ano próximo traga à Obra da Rua a riqueza de mais um padre, pleno de juventude e portador de especial alegria por ser o primeiro vindo do seio do Povo angolano.



Sorrisos. Felicidade. Estão em sua Casa, cujo objectivo é «fazer de cada rapaz um Homem».

## ENCONTROS em Lisboa

Alegrem-se connosco

**H**OJE não vou lamentar-me do sistema de ensino, embora tenha por aqui algumas coisas para dizer e, quem me dera, com meus lamentos, vir a modificar um certo nivelamento por baixo que se realiza, deixando para mais tarde a hipótese de se fazerem as escolhas. Talvez sinais dos tempos ou ideologias mal assumidas e inevitavelmente mal concretizadas. Quem sofre?

Hoje gostaria de convidar os nossos amigos a alegrarem-se connosco. O José Manuel Anjos Nunes, conhecido entre nós com o

nome de Zé Góis, participou de pleno direito, no dia 28 de Maio, no estádio Primeiro de Maio, na Bênção dos Finalistas das diferentes Faculdades de Lisboa. Não está muito habituado ao fatinho-escuro da praxe, mas, nesse dia também o vestiu e, ali estava ele, contente, no meio de seus colegas, aparentemente igual a tantos, mas, histórias para contar e vida para partilhar, talvez tão diferentes.

Estive presente. Não podia ser de outro modo. Por razões que não interessam, não consegui concelebrar. Fiquei

por um tempo no meio da multidão a ver se conseguia rezar. Nada feito. Precisava de silêncio. Deixei a multidão e fui-me sentar num degrau de escada, à sombra de uma árvore, junto à Igreja de S. João de Brito. Nesse silêncio fui falando ao «Pai», do Zé. Não o conheci desde menino. Encontrei-o já grande com um sonho bem firme dentro de si: poder ir para a Universidade. Foi e está a terminar. Creio que Padre Luiz sentirá, neste momento, grande alegria porque foi ele que o criou desde menino de 9 anos e o sonho, para nascer e se desen-

volver, tem que ter sempre, por perto, alguém que o possa alimentar. Sou testemunha da força de vontade que animava este rapaz, do seu desejo constante de comunicar e confrontar com os outros o que ia descobrindo, da luta que travava para ultrapassar as dificuldades ou as insuficiências cognitivas que não lhe permitiam perceber tudo o que queria. Parabéns Zé!

No meu silêncio com Deus, foram também passando todos os outros que estão em Casa. De onde vieram, onde se encontram na sua caminhada... Alguns vão desperdiçando os dons que têm. Outros vão lentamente, pedra sobre pedra, construindo futuros. Outros há que não sabemos onde os apanhar, tão maltratados chegaram que de bocados é feita a sua vida. Não desejo que todos sejam doutores, mas há mínimos humanos a atingir para se ter com dignidade uma vida autónoma.

Enquanto decorria este diálogo de silêncio com o meu Deus fui-me dando conta da nossa pobreza para modificarmos tantos futuros incertos. Animado ainda pela Festa do Espírito Santo continuei a oração pedindo que desça e tudo renove.

Padre Manuel Cristóvão

## CARTA DE MOÇAMBIQUE

**Q**UANDO se tem a coragem ou capacidade de retornar à infância, adolescência ou a locais onde se viveu e se semeou — sem ter tempo de colher os frutos — encontra-se o Outro. É bom! Mas muito mais gratificante é o encontrar-se a vivência neste local semi-selvagem e árido, com uma população desenraizada das suas aldeias, famílias divididas e dizimadas pela guerra, a organizarem-se em comunidade, tentando voltar aos costumes tradicionais — isto acorda em nós aquilo que ao longo dos anos fomos *computorizando* e quando damos por tal sentimos uma força interior para distribuir amor, carinho, enfim, a dar-mo-nos. São crianças, adolescentes, jovens, meia e velha idade, é a

pessoa à procura de si, observando tudo e todos quantos lhes estendam a mão. Parece-me natural que qualquer um de nós, vindo da Europa ou de outros países onde se esbanja e se consome sem regra nem medida, ache este povo interessado e egoísta, mas estando com ele, trabalhando, comendo, rezando, enfim, vivendo, tem-se opinião totalmente diferente.

Falou-se muito, e continua a haver quem levante a questão do celibato como desumano e sem justificação, mas hoje, no local e no momento em que me encontro, não só o defendo como o confirmo. Com outro sentido, Pai Américo muito disse e escreveu

Continua na página 3

## Conferência de Paço de Sousa

**CONTRASTE** — Deus chamou-a, há relativamente pouco tempo. Era uma mulher rude. Calos nas mãos. Mas senhora da sua liberdade — a Liberdade dos filhos de Deus.

Quantas motivações para ser acolhida pelos parentes! Ninguém conseguiu demovê-la... Porque estava na «*casa que Pai Américo me deu*»; por amor à pobreza — não à miséria — do seu *habitat* e às gentes com quem sempre conviveu; porque, nas horas mais difíceis, havia sempre quem botasse a mão.

Defendeu a sua opção até ao fim... a caminho do Céu!

Quando os Pobres são amados — como no caso vertente — integram-se no meio.

Enfim, que dizer da expressiva gratidão dos familiares, aos recoveiros(as) dos Pobres, apesar de *magoados* pela dita *exclusão*!?

«*Reverso da medalha*» — as crescentes vítimas de *exclusão social*: Pobres com família, que tem suporte material, e os afasta até ao fim. Cujos parentes, por *decoro*, só aparecem na rota do Campo Santo...!

Há que dar força às virtudes e obrigações dos laços familiares... São a defesa, a riqueza da Família!

**PARTILHA** — O assinante 19148, do Porto, engenheiro de profissão, nosso amigo de juventude — cristão consciente ao serviço dos Outros — manda um cheque de 10.000\$00 «*destinado a uma jovem viúva, com filhos, que esteja a ser socorrida pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Intenção espiritual: sufragando a alma de meus Pais*». E manda «*um grande abraço com votos de muita saúde e Paz para todos*». Retribuímos com o coração nas mãos.

A presença assídua da assinante 9708, de Coimbra: «*Junto um cheque de 10.000\$00 para a conta da farmácia ou para aquilo que entenderem. É por alma de meus Pais*».

Por fim, o assinante 9790, de Oliveira do Douro, com «*uma pequenina ajuda em cheque. Agradeço uma oração ao Senhor por todos os nossos familiares falecidos, tanto da minha parte como da parte de minha mulher. Que Deus os tenha em descanso. Bem-haja por todos*».

São três testemunhos do valor da Família que precisa deste *adubo* espiritual para frutificar e ser Luz que alumia a crescente *desagregação* que as forças do Mal produzem, intencionalmente, por esse mundo fora...!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**REGRESSO** — Depois de alguns meses fugido, o João de Setúbal regressou a nossa Casa. Foram-lhe postas algumas condições para que entrasse, de novo, na nossa comunidade.

**AGRICULTURA** — Os campos foram lavrados e preparados para a sementeira do milho já semeado. A seu tempo virá a colheita para o silo que servirá de alimento para o gado no Inverno.

# Pelas CASAS DO GAIATO

Na horta, os tomates foram plantados. Esperamos agora que haja uma grande quantidade para que possamos comer muita salada durante as refeições.

**VISITAS** — Quase todos os dias recebemos visitas. Como todos sabem, a Casa do Gaiato é a porta aberta!...

Agradecemos a todos aqueles que por aqui passam e se lembram de nós.

**PADARIA** — Mais uma mudança: o «*Coelho*» que fora colocado no lugar do Dirceu, foi substituído pelo Renato. Este também já fugiu. Agora estão lá o Joaquim e o Nuno. Ultimamente a padaria não tem tantos problemas.

**AULAS** — Quase a terminar e já se fazem as avaliações finais de cada aluno. Esperamos que os estudantes tenham aproveitado bem para que possam passar de ano.

**CALOR** — Com a vinda do Verão o clima muda bastante. Pois a temperatura sobe muito, obrigando-nos a procurar os lugares mais frescos. Cá, temos sorte, podemos contar com a piscina, principalmente aos fins-de-semana.

«*Vitinho*»

**FERIADO** — Foi em 2 de Junho, porque era o dia do Corpo de Deus. Na Festa da Eucaristia, também fizemos uma pequena procissão.

Nesse dia, a nossa Casa recebeu muitas visitas, principalmente, um grupo da Maia: A. R. D. A. C. M. Trouxeram um programa para os nossos tempos livres.

Da parte da manhã, visitaram as nossas instalações. As 11 horas, houve um jogo de futebol para os juvenis. Os nossos mostraram melhor organização e ganharam por 7-2. À tarde, às 15,30 horas, outro jogo, desta vez para os iniciados. Os miúdos mostraram garra e firmeza dentro do campo, e levaram por vencido o adversário também por 7-2. Às 17 horas, o último encontro, para os seniores. Para não fugir à regra, ganhámos por 3-1.

Depois, houve festa no salão preparada pelo grupo visitante, da Maia. Correu tudo bem. Representaram danças e umas pequenas peças.

Agradecemos tudo o que nos deixaram, principalmente a confraternização e a grande amizade que fizemos.

**FUTEBOL** — No dia 5 de Junho, defrontámos uma formação das redondezas de Penafiel. Foi um jogo muito confuso, porque as duas equipas não encontravam o futebol adequado. Uma partida que não teve muita história. Ganhámos por 8-6.

No dia de Camões, a nossa equipa defrontou a da Ferdouro. No início, as coisas

estavam equilibradas. O nosso técnico pedia mais *pressing* ao adversário e os golos apareceram. Resultado final — 6-2.

Em 12 de Junho os nossos infantis defrontaram uma formação do Porto. Um prélio que deu para treinar os miúdos. Ganhámos por 10-1.

Depois, houve uma merenda preparada por eles. Foi muito bom. Obrigado.

Repórter X

## MIRANDA DO CORVO

**AULAS** — No Lar de Coimbra terminaram as aulas dos estudantes que frequentam o 7.º, 8.º e 11.º ano. Excepto um deles, no 10.º, que tem ainda as provas globais, mais os do 5.º e 6.º anos com frequência até ao fim do mês. Alguns já pensam nos resultados, que brevemente saberão.

**FUTEBOL** — O nosso futebol tem rendido bastante. Há duas semanas, uma equipa da Escola C+S do Tramagal quis disputar um jogo que foi fácil. Vencemos por 10-1. No fim, entregaram-nos uma taça. É sempre mais uma. No dia 2 de Junho, defrontámos uma equipa da Escola Profissional de Oliveira do Hospital. Partida bastante difícil. Todos eles entre os 20 e 29 anos de idade. Jogavam bem, mas vencemos por 4-2 e recebemos um medalhão. Ficamos muito gratos.

**ANIMAIS** — O Padre João foi a Tomar buscar quatrocentos pintainhos, que se destinam a dar ovos e a abater. Todos eles estão a ser bem tratados. As nossas galinhas ainda dão bastante. Também as vacas continuam a produzir bastante leite, bebido à merenda e ao pequeno-almoço.

**AGRICULTURA** — No fim da semana passada, andámos a adubar os milheirais. No último, a sacha feijão e arrancar a erva do cebolo.

**CASAMENTO** — É sempre uma festa quando mais um dos nossos rapazes se casa. No domingo passado, o Serafim. Uma festa com muitas bebidas e muitos bolos. Tudo muito bom. Um dia, todos nós havemos também de querer casar, ter uma casa...

**ENCONTRO ANUAL** — Todos os anos, os antigos gaiatos se reúnem cá em Casa. Agora foi no dia 19 de Junho. É também por esta altura do ano que os nossos rapazes são baptizados e fazem a primeira Comunhão. Quatro para a primeira cerimónia, quinze para a segunda. É sempre bom ter mais rapazes a entrar na vida espiritual.

Frederico

## TOJAL

**ESCOLAS** — Para os do Liceu já acabaram. Para os da Primária e Ciclo Preparatório, só no fim deste mês. Houve notas boas e más. Alguns passaram, outros não. Esperemos que reflectam um pouco durante este Verão e para o ano tenham melhores resultados.

**SAÍDAS** — Já acabou o castigo. Agora temos que ter cuidado, não vá alguém ultrapassar a hora indicada e ficarmos todos castigados outra vez. O nosso Padre Cristóvão gosta de ver os rapazes felizes. Por isso, quando há baile ele deixa ir à festa, para não dizerem que não gosta de nós.

**FÉRIAS** — O nosso Padre Cristóvão começa a reflectir nas férias dos rapazes, deste Verão. Pensa-se que sejam na casa de praia, em Sintra. As obras acabaram há pouco tempo; por isso, já temos a certeza que vão ser lá.

**PISCINA** — Começámos a atacá-la, há três semanas. Está arranjada e preparada para suportar cento e quarenta rapazes. Com estes nadadores amadores não será preciso ter receio pois aprendem depressa a nadar.

**JARDINS** — Estão muito bonitos, como sempre, e também frescos pois como estamos praticamente no Verão e é preciso regá-los, senão perdem a cor, a vida e a beleza. Temos muitas flores encantadoras — como o arco-íris.

**BATATA** — Será um trabalho muito pesado. Iremos apanhar muito calor. Mas, para não tornar o serviço muito chato, se a apanha da batata acabar mais cedo refrescar-nos-emos na piscina.

Joaquim Miguel Pinto

## Associação da Comunidade O GAIATO - Setúbal

O nosso 16.º Encontro Anual está próximo, é uma tradição à qual estamos habituados e temos o gosto de cumprir.

O 16.º aniversário, de certeza, será no dia 3 de Julho, domingo, na Casa do Gaiato de Setúbal.

Neste Convívio entre os gaiatos de dentro e de fora, reforçamos os laços que unem todos nós. Podemos mergulhar na pureza do ambiente, fortifi-

cando a nossa irmandade na alegria de reencontrar o nosso irmão, dentro do espírito do pensamento de Pai Américo. Somos uma família da Obra da Rua, uma família de gaiatos, para gaiatos e por gaiatos.

O programa do Encontro não teve qualquer alteração em relação ao anterior:

**8,30 h.** — Concentração no Lar de Setúbal.

**9,00 h.** — Partida em caravana para a nossa Casa do Gaiato de Setúbal (Algeruz).

**10,00 h.** — Celebração da Eucaristia.

**11,30 h.** — Reunião da Associação para tratar de assuntos de interesse comunitário e eleição dos novos corpos gerentes.

**13,30 h.** — Almoço.

**16,00 h.** — Tarde livre — Desporto.

**17,30 h.** — Merenda.

**20,00 h.** — Dispersão.

Américo Correia

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Fomos por casa do Paulo. Devido à postura de trânsito na cidade de Gaia, junto à ponte D. Luís, deparámos com o Quim, a mulher e a filha. Ao ver-nos, ele veio ao nosso encontro e ficámos a saber que andavam à procura de uma casita, como ele diz, aonde possa dar melhor conforto à família. As esperanças de a encontrar eram poucas; só ele a trabalhar é o ordenado é pequeno. «*Eu bem queria deixar aquela miséria, porque pobre hei-de ser sempre, mas pedem muito por um quarto e cozinha*».

Ele é bom homem, apesar das suas neuras; tem tido uma luta constante consigo, para se afirmar junto dos vizinhos, que há-de ter uma casa com o mínimo de conforto e sair daquela miséria em que se encontra. Humilde, nada pedinchão, só o tom de voz o trafa. «*Pedem tanto por um quarto e cozinha...! A minha menina está a crescer e só eu é que trabalho; também não podemos pô-la numa creche, já fomos ver, mas querem muito por mês*».

Ouvimo-lo em silêncio. Vontade não nos faltou para lhe dizer: — Anda para a frente que nós e os amigos que nos lêem estamos ao teu lado. Mas também nós temos limitações e o dinheiro não chega para tudo. Tristes, despedimo-nos e «*que não desanimasse porque Deus os há-de ajudar*».

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Anónimo: «*Junto remeto um cheque de cinco mil escudos para os*

Pobres da Conferência de S. Francisco de Assis». Mil escudos, de anónima, «*para os Pobres. De uma professora reformada, doze mil escudos, «por alma dos meus pais*».

Louvado seja o Senhor por ter tocado tantos corações na ajuda à Suzi. De Matosinhos, um cheque de dez mil escudos.

Do assinante 10302: «*Como a minha mulher se encontra muito doente, quase sem andar e pouca visão, sou eu que o leio de ponta a ponta; embora já com 78 anos de idade, fiquei tão chocado que embora tenha uma reforma pequena e minha mulher nada tem, resolvi enviar esta pequena ajuda para a Suzi. Peço desculpa por tão modesta quantia. Nas vossas orações peçam pelas melhoras de minha mulher*». De Lisboa: «*Quando nós conhecemos tantos a quem nada falta — até têm demais — e não querem estudar nem fazer nada a não ser desgostar a família, casos como o desta boa aluna devem ser ajudados por todos*». Da assinante 47518, vinte mil escudos e «*que o Senhor ajude a Suzi a realizar o seu sonho*». De Vila Franca de Xira, assinante 31855: «*Entrego nas vossas mãos a minha renúncia pascal para ser entregue à Suzi*».

Bem hajam todos.

Adelaide e Zé Alves

## Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

**CORPOS GERENTES** — Realizaram-se as eleições da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte para o biênio 1994/1996. Como não apareceu qualquer outra lista, foi votada uma, apresentada pelos anteriores corpos gerentes com o seguinte elenco:

**Direcção** — Presidente, Fernando Marques; vice-presidentes, Valdemar Soares e Francisco Abreu Pinto; secretários, Lourenço Martins e Jorge Alvor Cabi Lamba; tesoureiro, Carlos Alberto Lopes Melo; vogais, José Joaquim Ribeiro Teixeira, Manuel Pinto e Manuel da Conceição.

**Assembleia Geral** — Presidente, José Lemos; secretários, João Luciano Lopes Jorge e Francisco Santos Costa.

**Conselho Fiscal** — Presidente, José Eduardo Moreira Lopes; secretários, António Filomeno Gonçalves e Adriano Mota.

Na primeira reunião a nova Direcção deliberou efectuar as reuniões mensais em Paço de Sousa, no primeiro domingo de cada mês, mantendo no entanto a sede no Lar do Porto para onde deve ser dirigida a correspondência.

**CONVÍVIO ANUAL EM PAÇO DE SOUSA** — O tradicional Convívio Anual em Paço de Sousa está marcado para 17 de Julho. Mais uma vez terá oportunidade de reveres todos aqueles nossos colegas que se encontram espalhados por todo o país e pelo estrangeiro e que, nesse dia, lá irão para matar saudades, além da convivência com os gaiatos mais novos. Passarás um dia cheio de alegria. Como sabes, este convívio serve também para comemorarmos os 38 anos desde que o nosso Pai Américo nos deixou — e, no Céu, estará a pedir por todos nós. Não faltar, pois a presença de todos é o mais vivo testemunho da nossa gratidão à Obra da Rua.

Queremos que a Festa seja apenas para os gaiatos e fami-



# Cantinho dos Rapazes

## Um encontro

Não é a primeira vez que tenho a graça de um encontro assim.

Do meio da romaria de visitantes sai um casal modesto que me queria falar. Subimos ao escritório. Discretamente me estendem um sobrescrito: «São as economias de um filho que Deus nos levou». O pai era o mais traído pelo sentimento: lágrimas espreitaram em seus olhos. A mulher, serena como ele e de rosto firme.

O Luís completou 17 anos e faleceu duas semanas depois consumido por doença cancerosa. Do seu espírito forte — este imunizado das vulgaridades tão proporcionadas à nossa frágil natureza e à sua pouca idade — dão testemunho estas palavras que dias antes escreveu para o Boletim da sua Paróquia, mensagem dirigida a jovens companheiros, a brotar de uma experiência rica que a grave doença terá favorecido:

«Acontece-nos a nós, rapazes e raparigas, defrontarmo-nos diariamente com problemas de vários tipos: familiares, escolares, de saúde, etc.

Sejam eles fáceis ou difíceis, o importante é combatê-los de frente, com determinação, com fé. E por mais difíceis ou complicados que sejam, nunca nos deveremos abater, nunca deveremos perder a esperança.

Jesus caminha conosco, mas esse caminho é fruto da nossa fé, da nossa esperança, das nossas virtudes e das nossas vocações.

Apesar de ser Ele quem nos ampara nos momentos mais difíceis, a vida é nossa e é nosso dever acreditar que podemos melhorá-la a cada instante.»

A força destas palavras não reside tanto na sua sabedoria como no facto de serem vividas e num transe de páscoa de que o Luís certamente tinha consciência.

Na circunstância da morte que se avizinhava, a sua afirmação de posse da vida — «a vida é nossa» — redobra de beleza; e «o dever acreditar que podemos melhorá-la a cada instante» transcende o seu significado imediato e projecta a vida na Vida — a meta que dá razão de ser e vale o nosso caminhar.

A meta alcança-se correndo para ela. E quando a meta é a Vida, o dina-

mismo que nos faz correr é exactamente «melhorar a vida a cada instante».

O Luís viveu em profundidade; por isso mereceu depressa alcançar a meta. Para cada um de nós tem Deus o Seu desígnio. Seja, porém, qualquer que for a velocidade do nosso viver, a força que nos move será sempre daquela espécie: «acreditar que podemos melhorar a vida a cada instante».

No sobrescrito entregue havia cem contos. Penso que o casal terá arredondado a conta... Mas até neste ponto foi singular a postura deste moço. De olhos abertos e juízo crítico sabe o que vale e o que parece valer, o mundo não logrou seduzi-lo com as suas variedades, como procura iludir e ilude maiorias capazes de ver só o imediato, as aparências... e não enxergam o vazio que elas escondem.

A tarde, na hora da partida, o casal veio despedir-se. Com eles um filho mais novo que de manhã não vira. Pois também ele tinha umas economias para entregar. Boa escola, a casa destes pais! Felizes os que lá moram!

Padre Carlos

## DOCTRINA



Obras de Deus dispensam o reclamo

COMEÇA agora a desabrochar uma pontinha de interesse pela vida e condições da Casa do Gaiato, prestada por habitantes do País e manifestada em visitas frequentes. No domingo passado, três famílias de Coimbra em dois automóveis e uma dita em um outro; e na véspera havia estado alguém da capital. No largo fronteiro à Casa, falatório; das janelas vizinhas, pasmaceira.

A gente põe a mesa e oferece coisas da despensa aos que nos visitam. Não é que eles tenham necessidade disso ou que sempre venham a contar; nós é que precisamos de ser hospedeiros. Não se trata de uma Obra das chamadas Obras de Assistência Social, terrivelmente hirtas e secas, alarismos discutidos. Não. É assistência caseira, eminentemente familiar. É a casa provinciana tão deliciosamente portuguesa, onde se dá de merendar a todos quantos chegam, num ambiente de alegria que nunca mais esquece. Jesus escolheu uma Ceia para a despedida final dos Seus amigos.

NÓS necessitamos de dar muito para recebermos muito. Parece negócio e não. É Evangelho. «Dá e receberás.» A troca de uma parca e alegre refeição tomada ao pé dos gaiatos, aquelas famílias deixaram aos garotos trinta escudos e mais cinquenta escudos e mais cinquenta escudos e mais quatro garrafas de vinho e um magusto de castanhas e uma pancadaria de filetes de peixe mai-lo prato de lombo de porco assado e uma data de bananas e magníficos bolos feitos em casa e uma grande cestada de pão fino — e um dia de sol brilhante a fazer carícias aos visitantes e aos visitados.

NÃO sei se te recordas do apelo feito a dois sobretudo; e da previsão do como me haviam de responder. Pois safu tudo certo. Já tenho um absolutamente novo, de cuja sorte se havia falado em família, horas antes da notícia aparecer. A necessidade objectiva dos para quem peço, a verdade com que o faço, o esquecimento do meu próprio sobretudo — aqui tens as causas do milagre. Não tenhas dúvidas a este respeito: todo aquele que se encontra a si mesmo no trilho do bem-estar, tropeça em sua «importante» pessoa e não marcha mais.

TU já sabes que nas primeiras semanas do ano que vem, vamos fazer a consagração do Lar do ex-Pupilo ao Sagrado Coração de Jesus e eu queria que fosse tua a oferta do quadro para tal fim. Para não fazermos contas de multiplicar, antes de oferecer, pergunta se eu já tenho. Não tenho vergonha de dizer aos homens grandes esta verdade maior do que eles: é que toda a Obra feita debaixo do Sinal da Cruz prospera e frutifica.

*O. Amín. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Padre Tehno

13/05/94

Veio ter comigo logo de manhã: *Que queria limpar o chão.* Foi pela lata de água e pano e limpou.

Momentos depois veio de novo a dizer-me que tinha a boca amarga... «É comprimido, dói-te a cabeça?» Que não, só boca amarga. «É amêndoa?» Que sim, com a cabeça e um sorriso.

A sede de açúcar que têm estas crianças é impressionante! Cresceram sem ele e a natureza pede.

No passado domingo dois fizeram anos: «Parabéns a você» e um pacote de bolachas a cada um. Logo na segunda-feira, um após outro, os *Batatinhas* vieram dizer-me que queriam fazer anos. Expliquei como era e só no dia do nascimento... Não serviu. Eles queriam mesmo fazer anos um dia destes... — Não temos bolachas — disse

lires directos, ou seja: esposa, filhos, pais ou sogros ou namorado de filha ou filho. Queremos, assim, evitar que pessoas estranhas à nossa Família estejam indevidamente presentes nesse dia.

Se não tiveres transporte, avisa e diz as pessoas que tens, que providenciaremos a tua deslocação.

**PROGRAMA** — 9,30 h. — Concentração à entrada da nossa Aldeia, onde será entregue um autocolante aos nossos colegas e acompanhantes; 10 h. — Provas de Atletismo para miúdos ou miúdas até 12 anos e para os *velhinhos* até 70 anos, com entrega de lembranças; 11 h. — Deposição de um ramo de flores no túmulo de Pai Américo; 11,30 h. — Missa, seguida de almoço; À tarde — Variedades e pagamento de quotas e inscrição de novos sócios.

Fernandes Marques

# Malanje dia-a-dia

eu. Não adiantou. Eles julgam que sim.

Mesmo agora que escrevo, veio o «Ratinho»: *Que é hoje, ele sabe, a mãe tinha-lhe dito...* Convencido com a sua certeza, fui ao ficheiro: só em Novembro.

Ficámos os dois sem fala, de olhos na ficha branca.

20/05/94

Emociona já, embora dum modo muito simples, o "banco de leite" no sector dos isolados — por doenças contagiosas, no hospital. Fazemos o leite na nossa cozinha, levamos em quatro bidões de dez litros e quatro dos nossos rapazes fazem a distribuição aos doentes.

Precisamos de aumentar de vinte para oitenta litros e servir duas vezes por dia. Contamos com a verba da «ÁfricaMiga» — conforme ao projecto aprovado.

Ontem fomos: De volta das tendas — montadas pelo acréscimo de doentes — numa procissão de luminhos

acesos para a ceia. Em cada triângulo de três pedras, a panela ou a lata. Tudo simples como o sol rubro a dectimar lá no fundo da cidade.

A maior parte dos doentes só tem um cobertor, uma calça e camisa ou vestido, uma pequena panela ou lata. Têm mais a sua doença, geralmente, a tuberculose.

Os nossos gaiatos fazem este serviço com gosto e carinho. Isto também os educa e ensina a serem solidários com os irmãos.

22/05/94

Três fotos nesta manhã luminosa:

O Manucho sentado numa résteazinha de sol debaixo duma acácia-rubra. — Tens frio? Acenou que sim e lá ficou com o seu meio sorriso enigmático.

Depois o Toni: — *Tenho barriga* — disse-me ele num tom de queixa.

— Pois tens e bem redondinha.

— Não é, é dor.

A seguir começou a brincar com o agrafador, cantando a canção dum filme. Fiquei admirado pois só assistiu duas vezes ao dito...

O Toni tem cinco anos. Ele sabe que o primeiro encontro nesta manhã acabará com uma bolacha. Vale a pena este momento de ternura.

Não foi bolacha, pois adormeceu no sofá e ali ficou deliciado.

Às vezes, de manhã, no hospital, o Santos, um menino de sete anos, como sempre, encostou-se à porta da carrinha e...:

— *É hoje que me leva?* — Vamos os dois à Irmã Maria, ela vai dizer.

E disse que nem família nem doença. O médico atestou.

— Então vamos, sobe. Entrou no carro sem mais "aquelas", determinado e contente.

É o Zé Manuel.

## CARTA DE MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

que o mercenário sempre vendeu o seu préstimo; por isso a necessidade de continuadores capazes de se darem generosamente até ao limite das suas forças. É aqui que aparece a razão do meu pensamento: Só pessoas livres dos laços familiares e materiais conseguem dar-se sem limites nem recompensa.

Num retomar como cabouqueiro, passados 27 anos, com todas as dificuldades como falta de água, cimento, ferro, madeira, ferramentas mais elementares, a falta de hábitos e ritmo nas várias profissões dos nossos trabalhadores, quando ao fim de quatro semanas se vêem fundações e pilares saídos da terra do bloco 2 da casa-mãe, com uma área de 675 m<sup>2</sup> mais um aproveitamento do desnível do terreno na zona da secagem de roupa e varanda de recreio dos

«Batatinhas», uma com 70 m<sup>2</sup> e a outra 45 m<sup>2</sup> e pé direito de 2,20 metros, é de se sentir feliz e realizado. Encontra-se também em andamento o bloco 1 com a devida marcação e implantação dos primeiros pilares. Aqui encontra aquela verdade de que quando Deus quer e o homem sonha e faz, Deus está com ele.

Há uma necessidade imperiosa de rapidez na construção desta Aldeia pela razão de se estar a habitar a uma distância de cerca de quatro km do local de estudo e trabalho, com estrada má, muito desgastante para a viatura e, mais ainda, para o físico.

São oitenta rapazes com idades dos 5 aos 17 anos, todos a frequentar as escolas e, como Casa do Gaiato que é, todos os trabalhos e faxinas mantidos por eles. Vida dura e muito ocupada sem horas livres. Esta Casa rege-se por um levantar às 5,5 e deitar às 21,30

com todo o mundo sem uma hora livre para brincar, ver televisão — enfim tudo mexe e se ocupa.

Pai e Mãe com oitenta filhos, uns e outros se reconhecem e se aceitam. Não são só rosas mas também não só espinhos; é uma família moderna em que nada passa sem ser abordado e resolvido no mesmo dia. A oração da tarde, antes do jantar, é feita em duas partes distintas — oração com catequese, seguida de *tribunal* ou chamada de atenção pelos feitos do dia. Não há, nem precisa haver, mas faz-me lembrar as lareiras no Norte de Portugal onde os pais com os pequenos ao colo e os mais sentados ao lado, todos em roda e *botando* o Terço — muito belo!

O Senhor está na Praça à procura de trabalhadores para a Sua Vinha.

Quim «Carpinteiro»

## Um quadro de ternura

Poucas vezes tenho presenciado e sentido um quadro de ternura tão grande! Nesta nossa Casa um grupo de treze estava a preparar-se para receber o Baptismo. Numa das reuniões, no escritório, um de quinze anos cafu na tentação de deitar a mão a uma moeda, resultado das contas da venda d' O GAIATO.

No dia seguinte, o Padre da Casa teve conhecimento e chamou o rapaz, e disse que não baptizava ladrões. Ele tirou a moeda do bolso e entregou-a.

Ao fim do dia fomos para a sacristia preparar-nos para celebrar a Eucaristia. Apareceu o rapaz e abraçou e beijou o Padre, pedindo perdão e que fosse seu padrinho. Prometeu muitas coisas a emendar e assim estiveram abraçados muito tempo.

Fiquei maravilhado com este quadro de beleza familiar. Um rapaz de quinze anos sempre fugitivo de casa em casa. Explorado

## Vistas de dentro

pelo pai, nunca encontrou família. Agora prometeu caminhar. Que todos o ajudem a livrar-se de cair nas tentações.

Este abraço e estes beijos dão sabor à vida tantas vezes atribulada.

### O dia da Festa

Todos acordaram mais cedo. Era o dia da Festa. A

hora a Capela encheu-se. Os treze baptizados apareceram vestidos de branco, acompanhados pelos padrinhos que eles tinham convidado: Eram os catequistas; eram alguns professores; era o engenheiro das obras com a esposa; era a veterinária do gado com o marido; eram os mais amigos. Foram duas horas bem espirituais. Ficámos com impressão que o diálogo do sacerdote com o baptizando: — «Tens consciência do compromisso que vais assumir?» — era conscientemente aceite por ele com a resposta: «Sim, tenho consciência do meu compromisso».

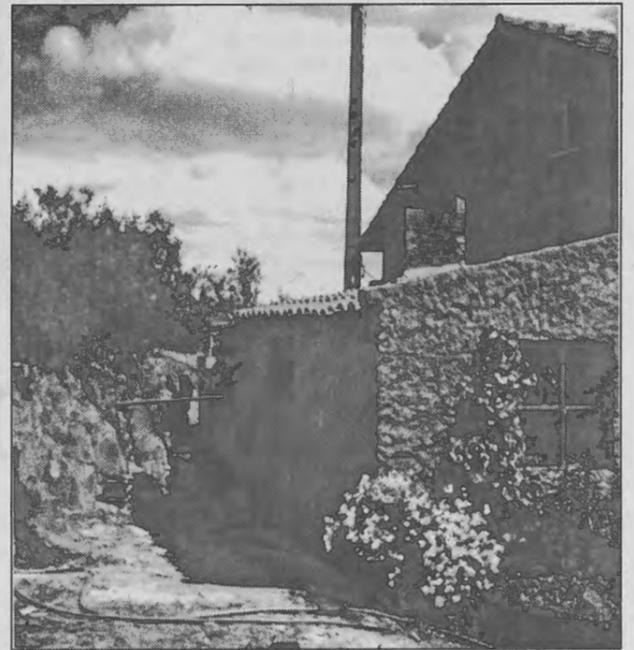
Da Capela dirigimo-nos à sala de jantar para o pequeno-almoço melhorado. A seguir os padrinhos foram com os afitados dar um passeio nos seus carros. Só regressaram ao tardio almoço também de festa. O resto do dia foi passado em ambiente de felicidade.

Foi um dia todo de festa cristã e familiar. Que lhes fique bem gravado no coração. É pena que tenhamos de ver muitos baptizados a viver como pagãos.

Padre Horácio



À entrada duma aldeia muito cristã.  
Casa nova, por acabar, com anexo que foi muitos anos a sua habitação.  
Casal novo, com três filhos pequeninos. Ele trabalha no pinhal. Ela, enquanto pôde, trabalhou uns meses em França.  
Todo aquele povo os ajudou a construir a moradia.  
Nós prometemos ajudar a acabá-la.  
Ficámos encantados com o asseio de tudo e o quintal que a rodeia — mais parece um jardim.



# BENGUELA

## Escola

**A** CABEI de falar, há momentos, com o nosso Viriato acerca do aumento do edifício escolar com mais três ou quatro salas de aula. O que temos agora a funcionar, guarda diáritamente em seu corpo, cento e oitenta crianças.

O ano lectivo está prestes a terminar. Um pequenino grupo que está a fazer a 4.ª classe passará para o ciclo preparatório. Mas uma quantidade incontável de crianças morre à míngua do saber que a Escola lhes pode dar. A Casa do Gaiato não descansa enquanto não matar a fome de inteligência destes filhos que vagueiam de um lado para o outro sem rumo. Sim, que a fome do corpo e da inteligência são, de igual modo, más conselheiras.

## Mães solteiras

Com esta guerra absurda, mais outras razões: cresce, assustadoramente, o número de filhos de mães solteiras. Jovens levados para a vida militar deixam, normalmente, raparigas com filhos no ventre ou nos braços; muitas delas ainda na adolescência. Depois, não aparecem mais ou arranjam outras mulheres. São filhos que vêm aumentar a legião de crianças de nível sub-humano.

Perante uma situação destas, que fazer? Matar as crianças antes de nascerem? Oh crime sem nome! Então? Tentar ir ao mal na raiz, pelo caminho da educação e da formação e informação. Mas, de imediato, acolher até ao limite das forças e dos meios estes filhos, verdadeiras vítimas inocentes da maldade dos adultos. É a pensar nestes e noutros que nos decidimos a trabalhar. Sabemos que se trata dum problema complicado e de dimensão que nos ultrapassa. Mas podemos enfrentá-lo com respostas sérias e eficazes à nossa medida. Essa é a nossa intenção.

As mães procuramos dar-lhes trabalho e o fruto do trabalho; aos filhos: pão, escola e saúde. De fora ficam muitos mais. Nem por isso vamos atropelar os que estão em caminho de salvação. Queremos, sim, acender a lâmpada e colocá-la sobre o alqueire para que outros vejam e experimentem. Esta é a razão por que queremos levar para a frente o edifício escolar.

O Viriato é um rapaz criado na Casa do Gaiato e, agora, com sua família. Tem escritório ligado à construção civil. A nossa carpintaria está a trabalhar para as suas obras com materiais que ele conseguiu. Na parte técnica recebemos o seu apoio. É interessante esta colaboração. Quem nos dera ter o edifício pronto no início do próximo ano lectivo! Seriam mais duzentas crianças a beneficiar da educação escolar.

## Andamos desfasados dos critérios do mundo!

Estes projectos são pequeninos. Os «grandes» não dão conta deles. Vão direitinhos, porém, ao coração do povo que, assim, nos entende e pede mais. Não há ajudas oficiais para estes trabalhos. Acreditamos na força que eles têm para arrancar da miséria os que nela caíram já e prevenir aqueles que, doutro modo, lá iriam parar.

A uma Organização Não Governamental e internacional que nos procurou para apresentarmos um projecto, a fim de sermos ajudados, foi-lhe dito e escrito o que estávamos a fazer e o que pensávamos fazer na medida que fosse possível. Passado bastante tempo, veio a resposta a dizer-nos que os doadores achavam o projecto pequeno demais e que era preciso juntar outro para valer a pena ajudar. Como andamos desfasados dos critérios do mundo! Pois bem!, com ajuda ou sem ajuda dos grandes, vamos avançar, apoiados naqueles que, dia-a-dia, vão chegando lenha à fogueira para que ela não se apague. É que a situação é grave e tão urgente que não se compadece com demoras.

Estive, há dias, numa dita mesa redonda, onde se falou da criança e da família; a criança e a saúde; a criança em situação difícil: o panorama é, deveras, desolador. Estes encontros não trazem qualquer solução concreta imediata ou a curto prazo para os gravíssimos problemas da criança, porque a situação anárquica que se vive, como resultado da guerra e outros factores, não abre possibilidades para tal, mas têm o grande bem de manter a sensibilidade desperta para se fazer o que se puder agora, chamando a atenção para o futuro.

Padre Manuel António

# Património dos Pobres

**A** degradação da habitação levou aquela família a mau caminho. O marido, bem empregado, abandonou a família. A mulher ficou com os quatro filhos — rapazes a caminhar para a vadiagem. Uma família desfeita.

## Trabalho de grupo

Um grupo organizou-se e amealhou dinheiro e comprou uma casa que pôs à disposição daquela família. Custou, mas reuniu-se de novo.

Naquele domingo, à tarde, fomos visitá-la. A casa arrumada. Bem aproveitada. O casal estava presente. Dois dos filhos, também. Todos felizes e com esperança no futuro.

Dali fomos ver as ruínas aonde viviam. Casa estreitinha, metida noutras construções. O telhado alagou e com ele o primeiro andar. Ficaram a viver só no rés-do-chão, sem nenhuma condições de habitabilidade.

Não nos admirámos com o desfazer das vidas.

## Comunidade paroquial aflita

«Recebi a sua carta. Já falei com um engenheiro amigo e parece que poderemos, com a vossa ajuda, fazer alguma coisa: arranjar a cozinha, os dois cubículos que servem de quartos, pôr portas e janelas, arranjar a salita de entrada onde poríamos dois ou três beliches para os miúdos, fazer um quartinho de banho e caiar e pintar o que for necessário.» É a casa para o tal «ninho de crianças» a que se refere O GAIATO.

«Há outros casos ainda. Especialmente uma velhinha que vive só numa casa que apenas tem quatro paredes, o chão é terra

bátida, um telhado já todo esburacado.

Há também um rapaz solteiro, um pouco doente psiquicamente, alcoólico, que vive só numa espécie de curral.

Aguardo a vossa aprovação e ajuda. O pároco.»

Já respondi. Tudo aprovado. Mandei a nossa ajuda. Repeti na carta o recado que sempre dava Pai Américo: «Cada freguesia cuide de seus Pobres».

Queremos continuar a atrair para estes casos, todos os nossos leitores. Não podemos ficar de mãos cruzadas. Há irmãos que gritam por nós. Deus chama-nos por intermédio de irmãos aflitos.

Padre Horácio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4540 Penafiel  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 - Cont. 90078898 - Reg. D. G. C. S. 100396 - Depósito Legal 1239